

O retrato do crack em Maringá: uma série de reportagens especiais para rádio¹

Pedro Filipe Alvarez REAL²

Vinícius Durval DORNE³

Centro Universitário Cesumar, Maringá, PR

RESUMO

A série de reportagens especiais para rádio sobre a situação do crack em Maringá (PR) tem o objetivo de refletir sobre os caminhos possíveis para o enfrentamento à droga no município, no que tange aos aspectos sociais, psicológicos e fisiológicos. A apuração foi realizada por meio de pesquisa bibliográfica e documental, além de entrevistas com dependentes químicos, pesquisadores de diversas áreas e profissionais que integram a rede pública de saúde. Subsidiado pelos estudos brasileiros do *Civic Journalism*, sustenta-se o argumento de que o jornalista não pode mais se limitar ao papel de noticiar os fatos. É necessário ir além, motivando a sociedade a pensar e agir no combate à dependência química.

PALAVRAS-CHAVE: crack, série de reportagens especiais, radiojornalismo, *civic journalism*

1 INTRODUÇÃO

O crack surgiu na metade dos anos 1980, em diversos subúrbios norte-americanos e chegou ao Brasil na década seguinte. Trata-se de uma droga de baixo custo, obtida a partir do refinamento da cocaína. Tomou, inicialmente, os bairros marginalizados da cidade de São Paulo-SP e, atualmente, está presente em diversas cidades do país, em áreas conhecidas como “cracolândia” (PERRENOUD, RIBEIRO, 2010).

A segunda edição do estudo “Levantamento Nacional de Álcool e Drogas” do Instituto Nacional de Políticas Públicas do Álcool e Outras Drogas (INPAD, 2013) revelou que o Brasil é o maior consumidor de crack do mundo. O país representa 20% do consumo mundial da substância. A pesquisa ainda informa que, aproximadamente, 6 milhões de brasileiros já experimentaram alguma apresentação da cocaína na vida.

Com o objetivo de conscientizar a sociedade sobre o enfrentamento à droga e conter a disseminação e o uso dessa substância, o Governo Federal lançou em 2011 o plano

¹ Trabalho submetido ao XXI Prêmio Expocom 2014, na Categoria “Jornalismo”, modalidade “Produção laboratorial em audiojornalismo e radiojornalismo”.

² Recém-graduado do curso de Jornalismo da UniCesumar, email: pedroreal@hotmail.com.br.

³ Orientador do Trabalho. Mestre, Doutorando em Linguística e Língua Portuguesa pela Universidade Estadual Paulista “Júlio Mesquita Filho” (UNESP – campus Araraquara). Docente dos cursos de Comunicação Social com habilitação em Jornalismo e Publicidade e Propaganda, do Centro Universitário Cesumar (UniCesumar), e-mail: dorne.vinicius@gmail.com.

“Crack, é possível vencer”. O programa atua em três frentes: prevenção, cuidado e autoridade. A partir desses três eixos, em linhas gerais, o governo pretende promover a educação e a informação, aumentar a oferta de tratamentos e combater o tráfico da droga no país.

De acordo com a Secretaria Municipal de Assistência Social e Cidadania (2013), o crack, juntamente com o álcool, é a droga responsável pelo maior número de internações em centros de reabilitação da cidade. Apenas no mês de agosto de 2013, 254 casos (39%) de internações e atendimentos de dependência de crack – droga principal - foram registrados pela Diretoria de Programa Anti-Drogas do município. Portanto, considerando a relevância da temática desse projeto de pesquisa é a “presença e os desafios do enfrentamento ao crack em Maringá”.

Ao tratar da problemática da pesquisa, é necessário avaliar o compromisso da informação jornalística no combate à droga. A cobertura da mídia sobre o crack, na região de Maringá, quase sempre, restringe-se aos crimes cometidos por usuários. Por essa razão, o objeto de pesquisa deste estudo é “a problematização do crack”. Problematizar o crack significa aprofundar e desdobrar um fato. Por meio de uma corrente teórica norte-americana chamada *Civic Journalism*, sustenta-se o argumento de que o jornalista, além de noticiar, pode e deve ajudar na resolução de problemas sociais como a dependência química.

De acordo com essa premissa, reportar apenas fatos envolvendo o crack é simplório. Seria o mesmo que ensinar alguém a nadar no raso e fazê-lo acreditar que a superfície é tudo o que há. O jornalista precisa ser como um instrutor que encoraja a mergulhar fundo, quase sempre em mares desconhecidos. É necessário propor direções e caminhos possíveis de serem trabalhados. Para tanto, faz-se necessário levantar especialistas que indicarão os passos a serem trabalhados.

A partir desse recorte, foi desenvolvida uma série de reportagens especiais para rádio sobre o crack em Maringá para uma emissora de rádio comprometida com o social, não com o intuito de apresentar uma solução específica para o problema, mas com o objetivo de facilitar debates e nortear caminhos, problematizando o uso dessa substância que tem atingido tantas vidas. Assim, deparamo-nos com o seguinte problema de pesquisa e produção jornalística: “Como uma série de reportagens para o rádio pode contribuir com a discussão do enfrentamento ao crack em Maringá a partir de diferentes angulações?”.

Subsidiada por Fernandes (2008), a série de reportagens se configura como o melhor produto jornalístico para se trabalhar temas relacionados à comunidade/cidadania. Um

radiodocumentário, por questões comerciais ligadas ao tempo, poderia não encontrar espaço na grade de programação de uma emissora comum. Além disso, a série de reportagens especiais foi escolhida por ter uma periodicidade definida. Sendo assim, ao serem veiculados em intervalos regulares, os temas propostos puderam ser trabalhados isoladamente, conforme os eixos temáticos estabelecidos .

2 OBJETIVO

Desenvolver uma série de reportagens especiais para rádio sobre o crack em Maringá que discuta os problemas relacionados à droga e indique possíveis soluções para os mesmos.

3 JUSTIFICATIVA

A história do consumo de drogas pelo homem, particularmente a cocaína, existe desde a antiguidade. No entanto, das primeiras civilizações às grandes metrópoles, a forma e a finalidade do uso sofreram grandes variações. Atualmente, o consumo da cocaína se tornou um problema grave em diversas sociedades, sobretudo a partir do surgimento do crack. De acordo com o Instituto Nacional de Políticas Públicas do Alcool e outras Drogas (INPAD, 2013), a cocaína é uma substância hidrossolúvel, ou seja, apesar de sólida, pode se transformar em líquido por meio de processos químicos. Trata-se de uma droga que pode ser fumada, inalada ou injetada, sendo o crack uma apresentação da cocaína para ser fumada.

Agar (2003) afirma que a ideia de uma apresentação da droga que pudesse ser fumada em vez de aspirada era uma forma de se alcançar os efeitos de maneira mais intensa e rápida. Não obstante, o basuco era considerado uma droga inferior, enquanto que o *freebase* era exclusividade dos ricos. Os dois formatos são considerados os precursores do crack, que surgiu por meio de um processo caseiro:

A chave para o crack é uma tecnologia simples. Ao invés das substâncias nocivas do basuco ou o perigoso éter na produção do *freebase*, utilizam-se ingredientes encontrados nas prateleiras dos supermercados, geralmente o bicarbonato de sódio. Ao cozinhar cocaína em pó com bicarbonato de sódio e deixar a mistura esfriar, uma substância endurecida, parecida com resina, vai se formar no topo do recipiente [tradução nossa] (AGAR, 2003, p.5).

Perrenoud e Ribeiro (2010) relatam que o baixo preço da substância atraiu jovens que consumiam cocaína em pó, maconha e até mesmo novos usuários. Na tentativa de prevenir a contaminação da AIDS, consumidores de cocaína injetada também optaram pelo crack, por ser uma via de administração mais segura, por não contrair as Doenças Sexualmente Transmissíveis (DST's) e proporcionar os mesmos efeitos no organismo.

De acordo com a Secretaria Municipal de Assistência Social e Cidadania de Maringá (2013), o crack, juntamente com o álcool, é a droga responsável pelo maior número de internações em centros de reabilitação da cidade. Apenas no mês de agosto de 2013, 254 casos (o equivalente a 39%) de internações e atendimentos foram registrados no Relatório Circunstanciado Consolidado da Diretoria de Programa Anti-Drogas do município. Assim, o crack é a principal droga ilícita consumida por usuários em tratamento na rede pública de saúde de Maringá.

Para a realização deste estudo, escolheu-se a reportagem radiofônica como instrumento capaz de promover a discussão em torno de um tema tão atual e importante para a sociedade quanto o consumo do crack. A reportagem é um dos grandes produtos do jornalismo de rádio, entretanto, Bessalok (2006) assevera que ela não tem sido muito utilizada atualmente, por exigir um trabalho mais consistente e uma equipe que saia das salas das redações rumo às ruas em busca de informações. Contudo, por meio dela, o jornalista esquadrinha os fatos e desenvolve produções originais. Em prol do ouvinte e no exercício da composição, o repórter desempenha a função de testemunha ocular, contando o que viu, ouviu e, quando for oportuno, o que sentiu. A importância da reportagem é destacada por diversos especialistas da área.

Para Barbeiro e Lima (2001, p. 40), a reportagem “é a principal fonte de matérias exclusivas da rádio jornalística”. A mesma compreensão é compartilhada por Jung (2004, p. 114), ao declarar que ela é “a alma do negócio” pela qual o “jornalismo se diferencia, levanta a notícia, investiga os fatos, encontra novidades, gera polêmica e esclarece o ouvinte”. Além disso, toda reportagem precisa de emoção e empatia para capturar a atenção do ouvinte. Nesse sentido, a interação pessoal com o público - resultado da apuração que acontece fora das redações - é imprescindível (JUNG, 2004). Tal realidade se potencializa ao realizar uma série de reportagens especiais sobre a presença do crack em Maringá - droga que, historicamente, pertence às ruas.

4 MÉTODOS E TÉCNICAS UTILIZADOS

Para desenvolver a série de reportagens especiais, primeiramente, realizou-se uma pesquisa bibliográfica sobre crack. A obra “Tratamento da dependência química do crack - as bases e os mitos” (2013), organizada por Laranjeira e Ribeiro, norteou os assuntos técnicos de saúde mental. Neste momento, também foi necessário buscar por pesquisas e documentos em institutos de pesquisa renomados.

São eles: Instituto Nacional de Políticas sobre Álcool e outras Drogas (INPAD) da Universidade Federal de São Paulo (UNIFESP); Unidade de Pesquisa em Álcool e Drogas (UNIAD); Centro de Pesquisa em Álcool e Drogas (CPAD) do Hospital das Clínicas de Porto Alegre, vinculado à Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS); e Fundação Osvaldo Cruz (FIOCRUZ).

O pesquisador ouviu a médica psiquiatra Ana Cecília Petta Roseli Marques, doutora em Ciências pela Universidade Federal de São Paulo e pesquisadora da Unidade de Pesquisa em Álcool e Drogas (UNIAD/UNIFESP). A especialista contribuiu com informações atuais sobre o crack no que tange a situação da droga no país. Assim como a psicóloga Laura Fracasso, especialista em Dependência Química pela Unidade de Pesquisa em Álcool e Drogas (UNIAD/UNIFESP) e ex-diretora do Setor de Tratamento da Comunidade Terapêutica Padre Haroldo de Campinas-SP, que colaborou com informações sobre a importância na interdisciplinaridade no tratamento.

Luciana Ogata Perrenoud, psicóloga pela Universidade Estadual Paulista (UNESP) e especialista em Psicologia Clínica Psicanalítica pela Universidade Estadual de Londrina (UEL) e Dependência Química pela Unidade de Pesquisa em Álcool e Drogas (UNIAD). Mestranda em Ciência pela Universidade Federal de São Paulo (UNIFESP) e psicóloga responsável pelo Ambulatório de Infectologia da Prefeitura Municipal de Taubaté-S, trouxe informações históricas a respeito do consumo da cocaína/crack no Brasil e no mundo.

George E. Woody é professor de Psiquiatria na Universidade da Pensilvânia nos Estados Unidos e consultor internacional do Centro de Pesquisa em Álcool e outras Drogas (CPAD) do Hospital das Clínicas de Porto Alegre-RS. Ele colaborou nas reportagens com informações sobre as técnicas de tratamento disponíveis e sobre os efeitos e consequências do uso do crack na gestação.

Para compor o diagnóstico da droga na região, o pesquisador escutou diversas fontes da rede pública de atenção ao usuário, tais como Alex Chaves, gerente da Diretoria de Programas Sobre Drogas da Secretaria da Assistência Social e Cidadania (SASC) de

Maringá, a psicóloga Maria Heloísa, coordenadora do Centro de Atenção Psicossocial de Álcool e outras Drogas (CAPSad) de Maringá.

Marcos Campanha, ex-usuário de drogas e atual coordenador da comunidade terapêutica Maringá Apoiando a Recuperação de Vidas (Marev), a assistente social Maristela Ferrari, coordenadora do Comitê Gestor de Maringá do programa “Crack, é possível vencer”, a psicóloga e assistente social Silvana Maria Ribeiro Borges, faz parte do Programa de Atenção ao Dependente Químico de Maringá (PADEC) e integra a Comissão de Prevenção do Conselho Municipal de Políticas sobre Drogas e a equipe multidisciplinar do CAPSi e também o Secretário da Saúde de Antônio Carlos Nardi.

Na área da segurança pública de Maringá, o tenente Cláudio Rocha da assessoria de comunicação da Polícia Militar e o tenente Rodrigo Giroto da Polícia Militar Rodoviária trouxeram informações sobre a apreensão do crack na cidade e nas rodovias da região. Vanda Sordi, gerente da ala de Urgência e Emergência do Hospital Municipal, juntamente com a enfermeira Sônia Marangoni, da Ala de Obstetrícia do Hospital Universitário de Maringá, colaboram com informações sobre esses atendimentos especializados. Além de cinco dependentes químicos em diversos estágios de tratamento nas comunidades terapêuticas da cidade.

5 DESCRIÇÃO DO PRODUTO OU PROCESSO

Para se obter mais informações sobre os caminhos possíveis para o tratamento do crack e o diagnóstico da droga no município, foram realizadas entrevistas com pesquisadores da área, profissionais que integram a rede pública de saúde em Maringá e dependentes químicos em tratamento. Depois de realizar as entrevistas, passou-se para a etapa de ouvi-las novamente e transcrevê-las, permitindo, assim, a elaboração dos roteiros. Por último, as trilhas foram selecionadas, os *offs* gravados e cada reportagem finalizada. A série de reportagens foi desenvolvida para ser exibida em uma emissora de cunho educativo como, por exemplo, a Rádio Universitária UniCesumar, a RUC FM 94,3. Trata-se de uma emissora que leva ao ar cultura, arte e cidadania. Além disso, reportagens especiais com formatos diferidos, que fazem uma análise crítica sobre determinado tema, apresentando inclusive pluralidade de opiniões, são comumente veiculadas na emissora.

As temáticas foram divididas em seis reportagens, uma para cada assunto (conforme mencionado nos próximos subtópicos), de modo a poderem ser veiculadas durante uma

semana na grade de programação da emissora. As reportagens diferidas têm dez minutos e foram divididas em dois blocos com o objetivo de tornar a transmissão mais dinâmica. O público-alvo das reportagens são os cidadãos de Maringá, principalmente os afetados direta e indiretamente pelo crack, cujo conteúdo da série pode ser útil. Não obstante, por se tratar de um tema de interesse público, potenciais espectadores não serão limitados pela cobertura geográfica, uma vez que o objetivo é divulgar a série de reportagens pela internet. Descreve-se abaixo o “tema” de cada reportagem, bem como o conteúdo abordado nelas.

5.1 Reportagem 1: Enfrentamento ao crack

História do consumo de drogas pelo homem; história do consumo de crack no Brasil e no mundo; efeitos do crack e outras substâncias psicoativas no cérebro; problema multifatorial; causas da dependência química; fatores de risco/vulnerabilidades; comportamentos de proteção e risco; mitos do crack; comportamento sexual do usuário de crack; perfil do usuário de crack no Brasil; sequelas do uso contínuo; desafios para o enfrentamento ao crack.

5.2 Reportagem 2: Tratamentos diferentes, necessidades diferentes

Baixa adesão ao tratamento; preconceito; estigma do problema; embate ideológico; etapas; sistemas de tratamentos; internação de curta duração; desintoxicação; leitos; enfermaria especializada em hospital geral; internação de longa duração; comunidades terapêuticas; tratamento ambulatorial; CAPSad; psicoterapia; medicamentoso; autoajuda; profissional de referência, programa de prevenção de recaída, treinamento de habilidades sociais, avaliação clínica e motivacional; articulação da rede de atenção ao usuário; plano individual de tratamento; tratamentos diferentes para necessidades diferentes.

5.3 Reportagem 3: Unindo as pontas na ponta

Concentração de usuários na praça Raposo Tavares; programa federal “Crack, é possível vencer”; termo de adesão; passos para implementação; ações municipais para o eixo cuidado; ações municipais para o eixo prevenção; ações municipais para o eixo autoridade; desafios para a implementação; articulação entre os eixos.

5.4 Reportagem 4: Vítimas do crack, quando o abuso começa na infância

Relação entre idade de experimentação e dependência; uso precoce; motivações subjacentes ao consumo; consequência sobre o desenvolvimento cerebral e efeitos nas diversas fases da vida; relação de adolescentes em práticas de pequenos furtos; programas de prevenção nas escolas de Maringá; leitos de internação específicos para crianças e adolescentes; rede familiar e social da criança e do adolescente; CREAS; CAPSi;

5.5 Reportagem 5: Ponto de virada

Perfil das mulheres consumidoras de crack; complicações comportamentos de risco específicos; gravidez; efeitos e consequências do uso crack durante a gestação para o bebê e para a mãe; perfil das mulheres; má-formação; amamentação; sintomas da abstinências após o nascimento do bebê; vínculo mãe-filho; parto prematuro; encaminhamentos; Conselho Tutelar.

5.6 Reportagem 6: Crack, é possível vencer?

Histórias da luta diária de dependentes de crack; ex-usuário presente nas comunidades terapêuticas; vulnerabilidade genética, social, cultural; relação entre consumo de drogas e crimes; lapsos e recaídas; desafios da abstinência; problemas relacionados à dependência de álcool; preconceito; superação diária.

6 CONSIDERAÇÕES

A série de reportagens especiais sobre o crack em Maringá revelou que a situação vigente da droga no município merece atenção. Os desafios enfrentados na cidade não constituem um problema específico da região: questões regionais refletem os problemas nacionais. Maringá, assim como o Brasil, ainda carece da articulação eficaz entre controle da oferta de drogas, programas de prevenção e múltiplos tratamentos.

Além disso, o programa “Crack, é possível vencer” busca promover a disseminação contínua de informações e orientações sobre o crack e outras drogas. Nessa perspectiva, a

série de reportagens especiais para rádio “O retrato do crack em Maringá” serve como ferramenta preventiva (ao fomentar a discussão sobre o assunto), recurso complementar de capacitação (ao discutir temas ligados ao ofício de educadores, profissionais da área da saúde, assistência social e segurança) e também como ferramenta de estímulo a ação social (na tentativa de motivar a sociedade a pensar e agir no combate à dependência química).

Juntamente com as políticas públicas, o dependente químico precisa de um olhar humano. O Brasil e, mais especificamente Maringá, precisa renunciar o preconceito e começar a enxergar o cidadão, sujeito de direitos que tem mais para oferecer, e que é mais do que mãos calejadas e pés surrados. Para além somente do consumo da droga, há uma história de vida, em que o crack está presente, mas não somente como único construtor desse sujeito. É possível pensar em perspectivas, novos caminhos capazes de ultrapassar os limites sociais, físicos, psicológicos impostos pela presença do crack. É possível vencer, a cada dia.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AGAR, Michael. The story of crack: towards a theory of illicit drug trends. **Addiction Research and Theory**, 2003, Vol. 11, No. 1, pp. 3–29. Disponível em <<http://www.medanthro.net/adtsq/wp-content/uploads/2012/08/Agar-Story-of-Crack.pdf>> Acesso em 5 nov. 2013

BARBEIRO, Heródoto. LIMA, Paulo Rodolfo. **Manual de radiojornalismo: produção, ética e internet**. Rio de Janeiro: Campus, 2001.

JUNG, Milton. **Jornalismo de rádio**. São Paulo: Contexto, 2004.

BESPALHOK, Flávia L. B. Reportagem radiofônica: as possibilidades do vivo e do diferido na construção de um rádio informativo diferenciado. In: **XXIX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação da UnB**, 2006. Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação; 6 a 9 de setembro de 2006.

FERNANDES, Márcio. **Civic Journalism: há um modelo brasileiro?** Guarapuava: Unicentro, 2008.

INSTITUTO NACIONAL DE POLÍTICAS PÚBLICAS DO ÁLCOOL E OUTRAS DROGAS. **Levantamento Nacional de Álcool e Drogas**. Disponível em <<http://inpad.org.br/lenad/>> Acesso em 29 set. 2013.

PERRENOUD, Luciana Ogata. RIBEIRO, Marcelo. Histórico do consumo de crack no Brasil e no mundo. In: RIBEIRO, Marcelo; LARANJEIRA, Ronaldo (Orgs.). **O tratamento do usuário de crack**. p. 65-75. São Paulo: Casa Leitura Médica, 2010.

SECRETARIA MUNICIPAL DE ASSISTÊNCIA SOCIAL E CIDADANIA DE
MARINGÁ. **Consolidação do relatório circunstanciado agosto 2013**. Maringá, 2013. 6
p. Disponível em < <http://www2.maringa.pr.gov.br/sistema/arquivos/e9af8d29167d.pdf>>
Acesso em 29 set. 2013.